

A autonomia e a formação continuada do educador

Cada educando, cada grupo de educandos, cada situação de ensino possuem características únicas e singulares; dessa forma, as ações empreendidas num processo de ensino dependem das intenções e significações atribuídas por seus protagonistas. Nesse contexto, a incerteza, novos saberes a descobrir e a construir e a reflexão sobre e na ação são aspectos que permeiam a prática educativa. Os educadores jamais evoluirão em sua formação se não conviverem com a mudança e com os novos desafios promovidos pela diversidade nas formas de aprendizado e pelo contexto singular de vida de cada aluno.

Na configuração atual do ensino, o educador limita-se a dar aulas num mesmo formato, seguindo regras pré-definidas e métodos restritivos, o que o impele numa espiral de desmotivação e descrença sobre sua real capacidade de transformação social através de sua prática. Para que o educador possa se emancipar das tutelas externas e mostrar a totalidade de sua inteligência e de seu pensamento crítico para a compreensão e a transformação social, é necessário que ele participe das decisões sobre sua atuação, da definição de seus referenciais, da reformulação de saberes conceituais e práticos, da construção de métodos e políticas a respeito de sua atuação. A educação é um aprendizado no contexto da busca pelo bem-estar social.

Sem se limitar somente à racionalidade técnica e assumindo valores e conceitos construídos por outros, o educador deve considerar o desenvolvimento de sua autonomia pela racionalidade prática, conduzindo ações para a realização de ideias, pois é muito difícil melhorar o ensino se o próprio educador não se comprometer tanto com seus ideais e valores quanto com os de seus educandos, dando sentido humano e não tecnicista ao trabalho realizado, à educação promovida. Uma dimensão muito importante que deve ser considerada quando tratamos da autonomia e da formação continuada do educador é a dimensão emotiva, proibida quando preconcebemos o educador como um profissional técnico e a escola como uma organização. Nesse contexto, o resultado é o distanciamento afetivo das situações e das pessoas. Para alguns, esse distanciamento gera certo inconveniente, atrapalhando o diagnóstico ou a aplicação de métodos de ensino, por exemplo. Mas precisamos rever as dimensões do trabalho educacional, pois, assim como bem coloca Frei Betto, estamos numa mudança de época e não numa época de mudanças. Domenico De Masi diz que há uma mudança de época quando três inovações coincidem e são concomitantes: novas fontes energéticas, novas divisões do trabalho e novas divisões do poder. É o que estamos presenciando neste século, e o educador tem fundamental importância nesse processo, tanto na revisão de seus valores e práticas como no apoio à condução dessa mudança. ■



Thiago Chaer
 Presidente do Instituto Inovar
 para Educar, especialista em
 Inovação Disruptiva
www.thiagochaer.com